A Educação Rural em Agroecologia como Ato Reflexivo para Promover a Libertação do Homem do Campo

The Rural Education in Agroecology as Reflexive Act to Promote the Liberation of the Man's of the Field

BARROS-AHRENS, Selma - Cescage selmahrens@hotmail.com; AHRENS, Rudy de Barros - Cescage/Secal rudy_barros@hotmail.com; AHRENS, Dirk Claudio - Iapar, dahrens@iapar.br

Resumo

Este trabalho objetivou discutir as possibilidades e limitações da educação no campo. O ensino agroecológico tem sido um dilema para os agricultores, pois a política para a educação rural não habilita seus familiares, nem os qualifica para os empregos nas cidades. O texto baseou-se em revisão bibliográfica, a partir de discussões ocorridas na UFPR, em 2000. Necessita-se de escolas que ofereçam a teoria e a prática, fazendo destes estudantes portadores de conhecimento científico e saber popular, incluindo-os no processo de "modernização e libertação do campo". Formando cidadãos reflexivos e conscientes das necessidades para a preservação do homem no campo, do meio ambiente, e que saibam administrar o seu patrimônio, melhorando a qualidade de vida. É importante que o educador em conjunto com o homem do campo promova a sua libertação, de modo que este último possa decidir por si próprio o seu destino: a cidade, o campo, ou ambos.

Palavras-chave: Agricultura familiar, reflexão, ensino agroecológico.

Abstract:

This study aimed to discuss the possibilities and limitations of education in the field. The agroecological education has been a dilemma for farmers, because the policy for rural education does not enable their family members, qualifies them for jobs in cities. The text was based on literature review, from discussions held at UFPR, in 2000. Need to schools that offer the theory and practice, making these students with scientific knowledge and popular knowledge, including them in the process of modernization and liberation of the camp. "Forming citizens reflective and aware of the needs to preserve the people in the countryside, the environment, and know how to administer their assets, improving the quality of life. It is important that the teacher in conjunction with the landowner to promote its release, so that it can decide for yourself their destination: the city, the countryside, or both.

Keywords: *Agricultural farmer, reflection, agroecological education.*

Introdução

Este trabalho foi realizado com o objetivo de fazer um olhar diferenciado para além da ótica econômica, porém sem desconsiderá-la sobre as possibilidades e limitações da agroecologia, inserido no contexto de oportunidades e opções para a geração de novas rendas, preservando o meio ambiente por meio da educação. Também houve uma preocupação em trazer o homem da cidade para o campo, colocando-o em contato com a natureza ensinando-o a respeitá-la (BARROS-AHRENS et al., 1998). Ainda nesta mesma linha, defende-se que o homem, apesar de se considerar um ser a parte do sistema natural, agindo muitas vezes de forma irracional e degradante, em verdade é um elemento integrante da natureza, na qual está vinculado de forma inseparável, vinculação esta da qual ele não pode esquivar-se (TROPPEMAIR, 1997).

Para Caporal e Costabeber (2002), dentro das multidimensões da sustentabilidade, considera-se de forma ímpar as questões: a) ambientais/ecológica como a manutenção e recuperação da base de recursos naturais, sobre a qual se sustentam e estruturam a vida e a reprodução das

Resumos do VI CBA e II CLAA

comunidades humanas e demais seres vivos, constitui um aspecto central para atingir-se patamares crescentes de sustentabilidade em qualquer agroecossistema; b) a social que ao lado da dimensão ambiental/ecológica, representa precisamente um dos pilares básicos da sustentabilidade, uma vez que a preservação ambiental e a conservação dos recursos naturais somente adquirem significado e relevância quando o produto gerado nos agroecossistemas, em bases renováveis, também possa ser equitativamente (igualdade de direito ao acesso aos estudos, ao trabalho, a saúde, etc.) apropriado e usufruído pelos diversos segmentos da sociedade. A dimensão social inclui, também, a busca contínua de melhores níveis de qualidade de vida mediante a produção e consumo de alimentos com qualidade biológica superior; c) econômica pois os resultados econômicos obtidos pelos agricultores são elementos-chave para fortalecer estratégias de Desenvolvimento Rural Sustentável. Por outro lado, a lógica presente na maioria dos segmentos da agricultura familiar nem sempre se manifesta apenas pela obtenção de lucro, mas também por outros aspectos que interferem em sua maior ou menor capacidade de reprodução social. Por isso, há que se ter em mente, por exemplo, a importância da produção de subsistência, assim como a produção de bens de consumo em geral, que não costumam aparecer nas medições monetárias convencionais, mas que são importantes no processo de reprodução social e nos graus de satisfação dos membros da família. Igualmente, a soberania e a segurança alimentar de uma região se expressam também na adoção de estratégias baseadas em circuitos curtos de mercadorias e no abastecimento regional e microrregional, não sendo possível, portanto, desconectar a dimensão econômica da dimensão social

Há quem acredite que a agricultura familiar não pode ser a única base econômica para o desenvolvimento do meio rural em longo prazo em uma economia globalizada. E sim, devem-se incorporar alternativas econômicas ao meio rural como estratégia adotada para manter o homem no campo, melhorando a sua qualidade de vida por meio do aumento de sua renda, baseado numa maior diversidade de atividades e funções. Assim, alguns agricultores familiares agroecológicos, perceberam a importância de se organizarem numa ação comunitária para aproveitar a oportunidade de ampliarem seus negócios. Nas propriedades agrícolas agroecológicas produtivas, surge a oportunidade de o consumidor adquirir produtos dos mais variados. A organização dos produtores agroecológicos pode gerar empregos para a mão-de-obra local, contribuindo para o aumento da renda familiar.

É de suma importância para o desenvolvimento local, a participação da comunidade, onde os agricultores familiares se organizam em associações ou cooperativas para ampliar a capacidade de oferta e também para diversificar os produtos agroecológicos colocados à disposição dos consumidores, buscando diminuir as desigualdades sociais e fortalecendo as negociações com os segmentos privados e instituições públicas.

A Educação Agroecológica

A Educação agroecológica tem que se desvelar como uma opção que possibilite a construção de um modo de vida digna. Ela é a grande responsável por produzir e renovar conhecimentos, conceber novas metodologias de ensino agroecológico, bem como desenvolver a competência crítica e a capacidade de ação e reflexão. É preciso que o agricultor familiar tenha acesso a uma educação mais adequada ao meio agrário, pois quando bem provido de informações terá condições de ver as potencialidades e vislumbrar novos horizontes, conseguindo com isso qualidade de vida.

No atual contexto, torna-se necessário instrumentalizar o processo da ação-reflexão, contribuindo para superar o falso e dicotômico conceito da teoria *versus* prática. Buscar a compreensão da comunidade agroecológica com a realidade, socializando o conhecimento para que se firmar o direito à cidadania.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Busca-se um novo caminho de relacionamento humano e de desenvolvimento. Destaca-se a importância da preservação da cultura do homem do campo, pois é bastante comum a deturpação de valores culturais em função de lucro. O homem que vive no espaço agrário, muitas vezes não é moderno nem desenvolvido, porém isto não significa ser cultural ou intelectualmente pobre. O mesmo acontece com os índios, um povo que há 500 anos era uma cultura dominante e hoje está dizimada pelo poder do homem branco. De acordo com Morin (2000), quando morre um povo indígena, desaparece uma civilização e toda a sua cultura. Não é isto que se deseja fazer com o homem do campo, mas sim proporcionar-lhe oportunidades para melhorar a qualidade de vida. A responsabilidade pelo futuro é dos que hoje se encontram em plena atividade e não daqueles que ainda irão nascer. Não se pretende destruir culturas, nem sabedorias, mas sim mantê-las e preservá-las de tal forma que se consiga manter sua origem. Para tal torna-se necessário uma mudança, uma reforma do pensamento, que nada mais é do que uma reforma no ensino, considerando a agroecologia como ciência.

A educação rural agroecológica tem sido um dilema para a família dos agricultores, pois a política para a educação rural não habilita os seus filhos, nem os qualifica para as atividades ofertadas nas cidades. As novas tecnologias não chegam às escolas rurais. Há anos atrás, a força de trabalho do campo não necessitava de qualificação, sendo que a elite até mesmo desprezava o aprendizado escolar para esta classe, pois quanto mais ignorante, mais fácil de ser dominado.

É comum confundir-se o processo de qualificação de mão-de-obra com um modelo ideal de educação para o meio agrário. Sabe-se que a deficiência educacional é o maior obstáculo para o desenvolvimento de um país, e que enquanto grande parte da população estiver improdutivo, não haverá crescimento (CAVALLET, 1999).

O Estado mostra fraco desempenho, ou mesmo certo desinteresse em desenvolver políticas públicas para a escolarização da população rural. Ao analisar-se o analfabetismo no Brasil, este ainda é mais elevado no espaço agrário do que no espaço urbano. De acordo com Ribeiro (2000), a escola do campo pode representar a oportunidade para a formação de agricultores familiares, na perspectiva da luta pela conquista e permanência da e na terra. É importante que se respeite e compreenda o sujeito, seu mundo, sua cultura.

Na nossa história, a escola rural tem como modelo constituído, em sua maioria professoras leigas ou com menor tempo de formação do que das escolas urbanas. A escolarização ofertada não tem contribuído muito para a formação dos familiares dos agricultores.

Para o agricultor familiar agroecológico, um homem histórico e culturalmente mais ligado à terra, produzir é um motivo de orgulho, ele tem amor por sua terra, mas quer que seu filho tenha um futuro melhor. É um desafio para a educação possibilitar uma nova visão para aqueles que vivem no meio agrário. Busca-se a adequação de um calendário escolar ao calendário agrícola, e que os conteúdos a serem ministrados estejam em sintonia com a realidade vivida pelos alunos integrantes do espaço agrário.

Os desafios são imensos, porém há professores articulando o saber dos livros com a prática, assim como, existem pais-agricultores que necessitam de seus filhos para ajudar nas plantações, tendo que tirar seus filhos da escola, devido à falta de adequação do calendário escolar para o meio rural.

Conclusões

Diante das questões discutidas temos algumas considerações a fazer:

A Educação, ou melhor, a escola e seus coordenadores preocupam-se pouco com o espaço agrário, pois a realidade do campo sempre foi menosprezada em relação à realidade urbana. É preciso que as escolas rurais façam uma adequação em seus currículos para melhor preparar os filhos dos agricultores, incluindo-os no processo de construção do conhecimento para que consigam a sua libertação.

O ideal é uma escola rural agroecológica que ofereça teoria e prática, preparando a todos indistintamente, fazendo estes estudantes, portadores de conhecimento científico e saber popular, formando pessoas reflexivas e conscientes das necessidades para a preservação do homem no campo, do meio ambiente. Que saiba administrar as múltiplas alternativas que o meio rural pode oferecer, melhorando a qualidade de vida dos agricultores familiares agroecológicos e permitindo a eles uma vida com mais alegria e realizações.

A escola rural agroecológica deve ser o centro dos saberes locais, promotora da educação em especial no espaço agrário e referência para a comunidade. Ao desempenhar este papel estará cumprindo a sua missão. O mais importante é que o educador rural agroecológico em conjunto com o homem do campo promovam a sua libertação, de modo que ele possa decidir por si próprio o seu destino: a cidade, o campo, ou ambos.

Referências

BARROS-AHRENS, S. *Implantação de uma pousada rural*. Ponta Grossa, 1998, 50 f. Trabalho (Conclusão de Curso de Administração) - Faculdade da Ciência da Computação Cristo Rei. Ponta Grossa. 1998.

CAPORAL, F.C.; COSTABEBER, J.A. *Construindo uma nova extensão rural no Rio Grande do Sul*. *Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n.4, 2002.

CAVALLET, V. J. *A formação do engenheiro agrônomo em questão: a expectativa de um profissional que atenda às demandas sociais do século XXI*. 1999, 133 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1999.

MORIN, E. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

RIBEIRO, M. *Educação Básica do Campo: um desafio aos trabalhadores da terra*. Disponível em: < www.eco.unicamp.br/projetos/textos.html >. Acesso em: 30 jun. 2000.

TROPPMAIR, H. Avaliação de impactos ambientais pela alteração da cobertura vegetal. In: MATOS, H.L.; MAIA, N.M. (Coord.). *Indicadores ambientais*. Sorocaba: s.n., 1997 p. 185-189.